ANAIS

IX SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PRÁTICAS RELIGIOSAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

VII SEMINÁRIO DE PESQUISAS DO LERR/UEL

IV SIMPÓSIO REGIONAL SUL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE HISTÓRIA DAS RELIGIÕES (ABHR)

VIII COLÓQUIO NACIONAL CULTURA E PODER (UNESPAR)

Laboratório de
Estudos sobre Religiões e Religiosidades (LERR)

Universidade Estadual de Londrina (UEL)

2021

ILÊ AXÉ IGBA AYRA:
A PRESENÇA DO CANDOMBLÉ EM IBIPORÃ/PR (1990-2021)

João Paulo Rosa Lorenço (UEL-G) [1]

Resumo: O presente trabalho busca responder o seguinte questionamento: "Como o babalorixá do Ilê Axé Igba Ayra compreende a trajetória histórica do espaço religioso no município de Ibiporã/Paraná?" com o objetivo de compreender a trajetória histórica do espaço religioso na cidade a partir do relato do líder religioso. O interesse em estudar a temática advém da necessidade histórica de demonstrar a pluralidade religiosa no munícipio de Ibiporã, localizado na região metropolitana de Londrina no norte central paranaense. Para tanto realizamos uma entrevista semiestruturada com Pai Paulo de Oxalá, líder da casa de Candomblé em funcionamento na cidade desde os anos 1990, o Ilê Axé Igba Ayra. Deste modo pretendemos estabelecer um diálogo entre a Universidade, o Poder Público e a sociedade afim de superarmos o preconceito, permeado pelo racismo estrutural e institucional brasileiro, existente acerca do Candomblé e resgatar uma riquíssima história de tradição, fé e resistência. Notamos a convivência pacífica dos moradores/as do entorno do Ilê em um processo de reconhecimento e pertença dos membros da Casa e dos seus líderes religiosos, mesmo que o preconceito contra as religiões de matriz afro-brasileira ainda seja latente no Brasil, e consequentemente no município.

Palavras-Chaves: Candomblé. Ibiporã. religiosidade. história regional

INTRODUÇÃO

A história global, a macro-história, não é dissociada da história local/regional, uma coopera com a outra em um mútuo processo de realizações simbólicas, interesses de grupos políticos, econômicos e religiosos que convergem e/ou destoam na construção e/ou imposição de um direcionamento sócio-histórico.

Durante muito tempo, a História, foi traduzida a partir do olhar macrohistórico, na qual os dados numéricos e passagens temporais foram positivadas a partir de uma visão global que privilegiava os feitos mais amplos das sociedades, um exemplo dessa forma de historiografia é as passagens em tempos históricos: Idade Clássica, Antiga, Medieval e Moderna (REVEL, 2010, p. 437).

As primeiras pesquisas demográficas fornecem um bom exemplo da linha de pensamento acima exposto, na qual quatro variáveis principais compunham as análises e

[1] Especialista em Religiões e Religiosidades. Universidade Estadual de Londrina. E-mail de contato: joaopaulorosalorenco@gmail.com

aproximações dos/as pesquisadores/as, são elas: natalidade, nupcialidade, fecundidade e mortalidade que dariam conta da aplicação de um modelo demográfico a ser seguido enquanto procedimento historiográfico (REVEL, 2010, p. 437).

A compreensão da história local não como uma "história global reduzida" é um dos pontos fundamentais para o entendimento de que tal modalidade historiográfica apresentada é "o marcador mais individual, o menos generalizável de todos (em oposição a categorias gerais, tais como o nível de renda ou de fortuna, o estatuto socioprofissional, etc.)" (REVEL, 2010, p. 438).

Alguns domínios permeiam a noção que se tem acerca do conceito de região, tais como a linguagem do senso comum, expressos como: "a região mais pobre", "a região montanhosa" ou a "região da cidade X" dotado de critérios diversos, imprecisos e variáveis no que se refere a análise e avaliação de uma determinada realidade socioespacial" (CUNHA, 2000, p. 42).

Outros domínios comumente difundidos sobre o conceito de região é ideia de unidade administrativa e a noção de fenômenos comuns a determinados espaços territoriais, caracterizado por concepções como: "área sob um certo domínio ou área definida por uma regularidade de propriedades que a definem" (CUNHA, 2000, p. 42).

O entendimento de escalas globais não pretende privilegiar a macro-história, ou "ver na proposta micro histórica a manifestação de um "retorno" do indivíduo na cena historiográfica da qual parecia ter desaparecido em benefício dos conjuntos sociais, cujo estudo os historiadores privilegiavam desde duas ou três gerações", busca-se estender mediações entre as duas formas de interpretações historiográficas (REVEL, 2010, p. 439).

As sociedades se demonstram múltiplas, diversas, incognoscíveis em sua totalidade desde os períodos antigos até a modernidade. Unificar no Estado a figura cognoscível é um meio que não compreende as complicações e desarmonias postas no todo histórico (REVEL, 2010, p. 249-443).

O Estado moderno precisa aceitar negociações para que consiga se movimentar, situando-se em diversos níveis, em que um não se sobreponha ao outro. Faz-se necessário para isso o uso de escalas de observação que levam em consideração as descontinuidades presentes na realidade sócio-histórica, pois o Estado, em seu sentido amplo, também assume forma e sentido nas singularidades dos mundos sociais (REVEL, 2010, p. 443).

Temos que "o que era antigamente atribuído à Providência divina, à majestade do soberano, à virtude de um grande personagem, aparece hoje de forma mais consensual como

pertencendo à lógica de grandes arranjos anônimos que são, por isso mesmo, ainda mais incoercíveis" (REVEL, 2010, p. 441).

A história de Ibiporã, por exemplo é traduzida pelas intencionalidades dos autodeclarados pioneiros e suas descendências, o que acaba por privilegiar a cultura eurocêntrica, branca e religiosamente cristã. Pretendemos neste trabalho centralizar atores que ainda não foram contemplados pela historiografia local.

Diante do contexto pandêmico, e a momentânea impossibilidade de realizar uma pesquisa mais ampla, definimos que, por enquanto, o processo metodológico possível fora a realização de uma entrevista junto ao babalorixá Paulo de Oxalá, responsável pelo Ilê Axé Igba Ayra, o único espaço de culto candomblecista em funcionamento na cidade atualmente.

Nosso primeiro contato deu-se por meio da discente do curso de Serviço Social, Gabrielle Fortunato, conhecida no Candomblé como: Olá Dènú, filha de Santo de Bàbá Bílòjò do Ilê Axé Àlàyè da cidade de Londrina/PR. Bàbá Bílòjò passou um período na casa de Obá Logy, o fundador do Ilê Axé Igba Ayra de Ibiporã. Há aproximadamente um ano e meio o babalorixá Obá Logy faleceu e quem assumiu e conduz o Ilê atualmente é Pai Paulo de Oxalá.

Para nos aproximarmos do Ilê Axé Igbá Ayra agendamos previamente, através de aplicativo de mensagens instantâneas, uma chamada de vídeo com Olá Dènú e após primeiro diálogo recebemos o contato numérico do telefone de Paulo de Oxalá. Passadas primeiras aproximações, agendamos a entrevista presencial com o líder religioso. A entrevista foi conduzida em uma agradável manhã de domingo na casa de Candomblé, seguindo os protocolos de segurança como uso de máscara e um certo distanciamento social.

Optamos pela entrevista semiestruturada que não pressupõe uma abertura completa da condução, mas pontua aspectos relevantes aos objetivos da pesquisa, que possibilitou uma interlocução menos rígida entre o participante e pesquisador. A entrevista semiestruturada deu um apoio objetivo e assegurado por um roteiro prévio, mas a ele não se prendeu totalmente, conduzida em uma espécie de "conversa com finalidade" (MINAYO, 2018, p. 143).

Para a realização da entrevista semiestruturada fez-se necessária a elaboração de um roteiro onde foram definidos os tópicos de interesse. Tivemos cuidados ao tratar questões abertas, temáticas delicadas ou que pudessem acarretar algum tipo de sofrimento, e buscamos formas de não induzir as respostas do entrevistado (GIL, 2008, p. 115).

Utilizamos o recurso de gravação de áudio, com autorização prévia do líder religioso, para a realização da entrevista da forma mais próxima e respeitosa possível e tal recurso possibilitou, além do diálogo próximo entre os entes da pesquisa, a coleta de dados

relevantes que não foram anotados ou lembrados pelo pesquisador.

A entrevista durou aproximadamente uma hora, entre deslocamento, recepção e aplicação do roteiro, e foi tranquila, pois os questionamentos foram prontamente respondidos em uma frutífera conversa com Pai Paulo de Oxalá, que se demonstro interessado e receptivo nos assuntos e em possíveis novos contatos e visitas. Temos por objetivo nesta pesquisa demonstrar como o Babalorixá do Ilê Axé Igba Ayra compreende sua trajetória histórica no município de Ibiporã.

DE SALVADOR PARA IBIPORÃ: O ILÊ AXÉ IGBA AYRA POR PAI PAULO DE OXALÁ

Entrevistador: Pode relatar um pouco da história do Ilê aqui em Ibiporã?

Pai Paulo: É porque aqui foi fundado dia 11 de março de noventa pelo meu pai de santo que é o José Demerval, o Obá Logy, que faleceu agora. Você sabe né?

Entrevistador: Sim, logo quando comecei a pesquisa conversei com a Gabi, ela é de um terreiro em Londrina, mas o pai de santo dela conhecia o seu Pai de Santo.

Pai Paulo: Isso! Ele, na verdade, começou numa casa aqui em Ibiporã, lá para baixo, mas não era uma casa de candomblé, ali era onde ele atendia clientes e tudo, mas isso aí não vem ao caso. A situação foi a partir do dia 11 de março de noventa, quando a casa teve a primeira festa, a primeira sala de barracão, de Candomblé, quando saiu o primeiro filho de Santo dele, o primeiro iniciado na religião, no Candomblé, que se chama Arô Cemi, o Guinha, todo mundo conhece como Arô Cemi. Ele é o primeiro filho de santo da casa, primeiro filho de santo que foi feito, e então a casa automaticamente já se abriu nessa saída dele daqui que foi essa mudança que fez da casa que tinha lá embaixo e veio para cá, que é uma casa popular, aí só puxaram um negocinho aqui do lado, não tinha nem essa parte aqui (aponta para a construção) e ali ele começou a vida dele dentro do Candomblé, de macumba, de filho de Santo, daí pra frente foi! E nós pertencemos a matriz chamada Axé Iyá Nassô Oká, que é a primeira casa de Candomblé do Brasil, em Salvador, que foi tombada pelo Patrimônio Histórico Nacional, a gente pertence a essa família, a Casa Branca, o Axé Iyá Nassô Oká, entendeu? É onde meu pai de santo era filho de pai de santo da Casa Branca. Então a gente continuou mesmo ele tendo falecido, e

agora eu sou o sucessor da casa, A casa continua e pertencemos a esse Axé!, e a gente é reconhecido lá encima (referência ao Ilê Axé Nassô Oká de Salvador), tanto que nos rituais de morte que teve agora, que é o Axexê, o pai de santo dele veio, o pai de santo dele é vivo, a gente continua com ele e veio pessoas de dentro da Casa Branca mesmo, de Salvador, o pessoal veio para fazer todos os rituais e a casa agora permanece aberta. Teve o ritual de Axexê, mas atrapalhou tudo (a pandemia decorrente da COVID-19) porque geralmente é um ano. A pessoa falece e tem os ritos, e depois de um ano é quando reabre a Casa e vai ver se vai ficar um herdeiro, se a casa vai continuar, se o Axé permanece vivo!, e ai no nosso caso demorou pela pandemia, ficamos quase dois anos parados e não tinha muito o que fazer e conseguimos trazer eles agora, faz poucos dias, ai foi jogado os búzios e escolhido o sucessor da Casa, agora temos que esperar a posse, que é aberta ao público, é uma festa feita para apresentar, todo mundo sabe, né! quem é? que sou eu!, mas daí é uma festa que é aberta ao público para apresentar o sucessor da cadeira dele, e aqui é uma casa de Candomblé que sempre terá um sucessor, não é uma casa simples para se morar e tal. É uma casa de candomblé, com raiz, matriz, e aqui sempre terá um sucessor. Um dia quando eu for, e vai demorar se Deus quiser! (risos), tenho certeza que vai ficar outra pessoa, então isso aqui é uma coisa que é do Santo, isso aqui não tem nem dono, pretendemos torna-la um bem religioso, então vamos mexer nos papéis agora para que o Ilê Axé Igba Ayra se torne um templo religioso oficialmente reconhecido, entendeu?

Pesquisador: Bom, agora podemos trazer alguns elementos do roteiro semiestruturado que nos auxiliará no andamento da entrevista. Por exemplo: como é o convívio com a comunidade? Já passou por alguma situação de preconceito? Algo nesse sentido

Pai Paulo: Olha! Ele (Obá Logy) tinha um nome muito respeitado, pela ética, dignidade, então muita gente conhecia ele aqui! Ibiporã inteiro o conhecia, todo mundo sabia da índole dele, do caráter dele e todo mundo o respeitou como pessoa, então nunca teve nada! e se tem foi algo escondidinho. A gente sai na rua de branco, vai no mercado, o pessoal conhece aqui: "o terreiro do neguinho" entendeu? Todo mundo conhecia ele, então não teve assim (preconceito), o pessoal respeitava bastante ele, como pessoa, entendeu? independente de saber que ele era pai de santo e da religião, o pessoal tinha respeito por ele.

Entrevistador: Então você reconhece que a religião sofre um preconceito social?

Pai Paulo: Sofre, sofre sim! mas o pessoal tinha muito respeito por ele, mesmo sabendo, tanto que aqui sempre foi movimentado e o pessoal está sempre de branco e o pessoal sabe. Então, no começo, quando eu fiz Santo aqui há dezessete, dezoito anos o pessoal passava e quebrava os potes ali encima do muro, molecada de madrugada que descia, mas não tivemos muito problema quanto a isso.

Entrevistador: Então a comunidade recebe bem a presença do terreiro?

Pai Paulo: Sim, os vizinhos aqui recebem bem! Tanto que nunca tivemos problemas com barulho, respeitamos os horários, tudo tem limite também, né? A gente tem as leis da Federação aí, tudo mais, então a gente respeita, nos respeitamos entendeu? A gente entra num consenso, não tem inimizade com ninguém, entendeu?

Entrevistador: Como você pensa o terreiro hoje? a importância do espaço para o município, para o bairro e para comunidade de um modo geral?

Pai Paulo: A gente estava até fazendo a soma, né! Tem 31 ou 32 anos este terreiro, então já tem uma história aqui, em Ibiporã. Isso aqui era tudo terra (apontando para a vizinhança), não tinha casa quando eu fiz Santo aqui, isso há anos atrás e a casa já estava aberta, então tem uma história dentro da cidade. E é uma responsabilidade pra mim, que assumi a casa agora, manter isso de pé, é uma coisa que pesa na minha cabeça manter viva a cultura aqui dentro. Agora quando as coisas começarem a melhorar depois da pandemia, começar a ter mais festa, mais fluxo de gente, a gente volta a ter uma programação, porque antes a gente tinha uma noção das datas de festas e o ano que vem teremos que fazer um calendário, toda uma programação para manter o funcionamento das rotinas.

Pesquisador: Como é o nome da mãe do Obá Logy? Percebi que ela sempre está próxima ao terreiro

Pai Paulo: Dona Rita! Quando ele começou a construir aqui, ela morava aqui, só que ela evangélica. Ela morava junto do Obá Logy só que tinha uma grade dividindo a casa, então ela morava ali na frente e ninguém passava dali, mas isso não é da minha época! Mas ela fala de quando começou aqui né, do serviço braçal, dela ter ajudado, do sofrimento dele, de como era

aqui e de pouquinho ele foi construindo, não foi nada de doação! isso aqui foi comprado, independentemente de ser da Caixa Econômica, foi assim no começo de tudo!

Pesquisador: Eu lembro que essa região era bem menos movimentada que atualmente

Pai Paulo: Verdade! Tanto que eles (a prefeitura) queriam pegar e desapropriar aquela parte (aponta para a frente da casa), da grade pra lá! Ele estava preocupado porque eles queriam arrebentar essa parte aqui, mas não teve problema não! Então, como eu te falei é mais ou menos isso aí, a casa foi fundada em 1990, e o primeiro filho de Santo foi o Aro Cemi, tanto que a mãe dele é dona de um terreiro de Umbanda que, se não me engano, é um dos primeiros terreiros de Umbanda de Ibiporã.

Pesquisador: Interessante!

Pai Paulo: E ele mora na casa dela e eles estão lá, se você precisar conversar com ele lá, ela é a Dona Ivone, ela é conhecidíssima aqui. O Meu pai de Santo era filho de Santo de Umbanda da Dona Ivone, o terreiro dela é mais antigo do que o nosso, mas é de Umbanda. O nosso é o único né, de Candomblé, o dela, que é de Umbanda é dos primeiros.

Pesquisador: Mas em Ibiporã o Ilê aqui é o único de Candomblé ou há outros?

Pai Paulo: É o único, teve umas casas de Candomblé aqui né, mas eram casas alugadas, não eram um Axé de raiz, porque mudavam para Cambé, ou Londrina, mas nada que criou raiz. A primeira casa de Candomblé é aqui! A Dona Ivone, ela também é feita no Santo pelo Candomblé, mas o negócio dela é a Umbanda, entendeu? Se você quiser eu passo o contato do Aro Cemi que é o primeiro filho de Santo. Meu Pai começou no terreiro da mãe do Guinha (apelido de Arô Cemi) que é a Dona Ivone, então ele conhece, por ser o primeiro filho iniciado pelo meu Pai de Santo, ele conhece a vida do meu Pai de Santo até antes da fundação desse terreiro aqui, porque meu pai era Pai Pequeno do terreiro de Umbanda da mãe dele, depois que meu pai de santo se iniciou no Candomblé ai passou um ano ele foi e iniciou o Guinha, até se você precisar de fotos para sua pesquisa ele tem.

Pesquisador: Interessante! Vou procurar formas para ampliar a pesquisa.

Pai Paulo: Se for preciso, te passo o contato dele e você faz a pesquisa. Até foto a gente também tem, qualquer coisa você fala que a tem aí e disponibiliza. Então no que precisar é só procurar a gente. me liga e a gente combina, é meio corrido, mas agora vou ficar mais tranquilo aqui! O Guinha também está à disposição aí, no que precisar dele, se tiver alguma dúvida é só mandar mensagem. No que precisar estamos aí, é só me avisar e eu te ajudo!

Pesquisador: Obrigado pela disponibilidade e pelas informações disponibilizadas durante a entrevista!

ALGUMAS APROXIMAÇÕES

Em suma, três grupos étnicos compõem a formação histórica e social brasileira: os brancos, advindos da Europa; os negros, traficados para a Colônia Portuguesa na condição de escravos e as populações indígenas que habitavam este território há ao menos doze mil anos, cuja religião, religiosidade, diversidades culturais e linguísticas são extremamente diversificadas. (OLIVEIRA; FREIRE, 2006, p. 21)

O processo de embranquecimento cultural, econômico, político, étnico e religioso que o país sofreu ao longo dos séculos, entranha-se até a contemporaneidade se considerarmos que, na esfera religiosa, apenas 0,3% da população brasileira se declara adepta das religiões de matriz africana em um território majoritariamente negro, estima-se que cerca 56,2% das pessoas se declaram “pardo/a” ou preto/a atualmente no Brasil (IBGE, 2021).

Tais dados espelham-se na perspectiva local, ao considerarmos que o município de Ibiporã, pertencente à região metropolitana de Londrina no norte central paranaense, possui uma hegemonia religiosa notoriamente cristã, com ênfase na presença do catolicismo desde o processo de ocupação colonizatório: cerca de 71% dos residentes professam a fé católica (IBGE, 2021).

Dentre os evangélicos o percentual ficou dividido entre diversas denominações religiosas, mas a predominância é das igrejas pentecostais, cerca de 10,08% da população declarou-se confessar a fé na Congregação Cristã do Brasil, Igrejas Presbiterianas, Assembleias de Deus, Igrejas Batistas ou Quadrangular. A denominação neopentecostal com maior incidência de fiéis é a Igreja Universal do Reino de Deus, com cerca de 0,75% dos cristãos do município (IBGE, 2021).

Se fizermos um pequeno recorte etário percebemos que o cristianismo é horizonte religioso para a maioria dos/as jovens entre 14 e 19 anos, cerca de 98,11% dessa população declaram congregar em alguma denominação religiosa cristã, seja católica, evangélicas ou em múltiplos pertencimentos religiosos (IBGE, 2021).

Conforme estimativas do censo demográfico de 2021, o município demonstrou que 58 pessoas são adeptas do Candomblé, da Umbanda ou são espiritualistas, desse total a grande maioria é etnicamente negra, aproximadamente 40 pessoas (IBGE, 2021).

Dados extremamente relevantes se observarmos as diversidades culturais e religiosas que se desenharam sobre o espaço territorial onde hoje se aloca o município de Ibiporã, povoado por etnias indígenas há milênios e que foi lar de caboclos, sertanejos e possivelmente ex-escravos/as, antes do processo de ocupação colonizatória das décadas de 1920 a 1940.

A imposição colonizatória branca, eurocêntrica e religiosamente cristã, planejada pelo governo brasileiro nas décadas iniciais do século XX, e que permeou todo o referido século, desenhou-se através de fluxos migratórios de europeus e brasileiros, estes, em suma, oriundos da região Sudeste e todos/as buscavam melhores condições de vida familiar, cultivo e comércio entre os seus (BISOTTO, 2008, p. 1-431; MARCANTE, 2008 p. 206-212; STRAUSS, 1988, p. 157-165).

Passados os anos iniciais do processo colonizatório do município vislumbramos o grande êxodo rural que seguiu a derrocada da cultura cafeeira dos meados do século supracitado, e expulsou do campo às periferias uma parte considerável das populações trabalhadoras, tais como: boias frias, camponeses/as, extrativistas, dentre outros/as, e a cidade presenciou um processo de urbanização nos anos 1980, com consolidação nos anos 1990 (BISOTTO, 2008, p. 1-431; et al).

É dos anos finais da ditadura civil-militar até a atualidade que nos debruçamos neste trabalho, pois é justamente nesse período que o Ilê Axé Igba Ayra começa a se constituir no que hoje se denomina região sul de Ibiporã. A localização foi inicialmente agrícola, passou por um rápido processo de intervenção estatal, com construções de aparelhos públicos e programas de moradia social nos anos de 1990 a 2010 e atualmente é palco de um processo de gentrificação social.

CONCLUSÃO

Notamos a convivência pacífica dos moradores/as do entorno do Ilê em um

processo de reconhecimento e pertença dos membros da Casa e dos seus líderes religiosos, mesmo que o preconceito contra as religiões de matriz afro-brasileira ainda seja latente no Brasil.

Passado e presente se mesclam em uma simbiose de referências religiosas que se espalham pela Zona Sul de Ibiporã: são tradições, religiosidades e manifestações culturais que expõem as diversas matrizes religiosas e o espraiamento, através de processos migratórios, de diversas atores e singularidades essenciais para a compreensão da complexa história religiosa brasileira.

O Ilê Axé Igba Ayra em Ibiporã é a história do encontro entre fé, força e coragem, onde diversas pessoas depositaram suas esperanças e seus destinos. Podemos destacar seu fundador, Obá Logy, que mesmo em meio as dificuldades e adversidades conduziu com fé, admiração e orgulho a Casa de Candomblé em Ibiporã.

Destacamos também o carinho dos filhos de Santo da Casa na manutenção do espaço após o falecimento de Obá Logy e a continuidade dos trabalhos pelo jovem Pai Paulo de Oxalá, que demonstra extremo conhecimento das tradições de sua crença e apreço pela continuidade do Axé herdado do Terreiro de Salvador, além do respeito e reverência pelo legado de seu antecessor na comunidade.

Reconhecemos a força do Ilê, ativo há 31 anos, em uma cidade com forte apelo ao conservadorismo religioso cristão e ao não reconhecimento da diversidade religiosa que faz parte de seu território. Ressaltamos a importância dos trabalhadores/as da Zona Sul de Ibiporã, que na busca por melhores condições de habitação e vida, enfrentam as adversidades com muita garra, trabalho, força e fé.

A nossa intenção com o trabalho acima apresentado foi valorizar a diversidade religiosa que se desenha em um processo de continuidade e descontinuidade em uma cidade, território rico de expressões culturais e religiosas. Neste caso podemos conjugar o verbo existir no passado, presente e, se depender do Ilê Igba Ayra, no futuro.

A diversidade religiosa com raízes nos povos indígenas e afro-brasileiros existiram, existem e possivelmente existirão em um processo de resistência, fé e coragem de um povo que sofreu e sofre, lutou e ainda luta pelo reconhecimento de sua religiosidade.

REFERÊNCIAS

ARIAS NETO, José Miguel. **O Eldorado: Londrina e o Norte do Paraná – 1930 – 1975**.

Dissertação de Mestrado em História, São Paulo, 337 páginas, 1993.

ASARI, A. Y., TUMA, M. M. **Aspectos Históricos, Físicos, Econômicos e Institucionais de Londrina**. Documento-Consulta. Prefeitura do Município de Londrina, Secretaria Municipal de Educação: Londrina, 1978.

BISOTTO, Maria Lúcia Striquer. **Compêndio Histórico de Ibiporã**,1ª ed. v.1. Fundação Cultural de Ibiporã: Ibiporã, 2008.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2010). **Censo demográfico 2010**. Acesso em: 12 de agosto, 2021, em http://censo2010.ibge.gov.br/

IBGE. Sistema IBGE de Recuperação Automática – SIDRA. **Censo demográfico 2020**. Acesso em 19 de março, 2021, em https://sidra.ibge.gov.br/home/ipca15/brasil

IBGE. **Conheça o Brasil: cor ou raça**. Disponível em: https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18319-cor-ou-raca.html. 2021

IBIPORÃ. **Circuito das capelas: projeto de recuperação da memória de Ibiporã**. Secretaria Municipal de Cultura e Turismo: Ibiporã, 2016.

IBIPORÃ. **Igrejas evangélicas históricas: projeto de recuperação da memória de Ibiporã**. Secretaria Municipal de Cultura e Turismo; Museu Histórico e de artes de Ibiporã: Ibiporã: 2019.

KASTER, Jaime dos Santos. **A fotografia na recuperação da história e preservação da memória: A ferrovia e a estação ferroviária de Ibiporã (PR)**. Dissertação de Mestrado em Comunicação, Londrina, 208 páginas, 2017.

LÉVI-STRAUSS, Claude**. Paraná; En el Sertâo**. In: LÉVI-STRAUSS, Claude. Tristes Trópicos. Ediciones Paidós Ibérica, Buenos Aires: Editorial Paidós, 1988. p.157-165 / p.283-295.

MARCANTE, Maicon Fernando. As fronteiras do interior: o aldeamento São Pedro de Alcântara e suas interações sociais no espaço sertanejo-Paraná (1876/1881). **Revista Vernáculo**, Curitiba, v.1, n. 21 e 22, p. 206-212. 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Fundamentos teóricos das técnicas de investigação qualitativa. **Revista Lusófona de Educação**, v. 40, 2018

NISBET, Robert. Conservadorismo e Sociologia. In: MARTINS, José de Souza. **Introdução crítica à sociologia rural**. São Paulo: HUCITEC: 1981.

OLIVEIRA, João Pacheco; FREIRE, Carlos Augusto da Rocha. **A Presença Indígena na formação do Brasil**. Coleção Educação Para Todos. Série Vias dos Saberes volume 2. Brasília:

MEC/SECAD; Rio: LACED/Museu Nacional, 2006.

PIEROTE, Natalia Aparecida Ribas. **Geografia em Múltiplas Escalas do Local ao Global: O município de Ibiporã**. Proposta Metodológica apresentada ao Programa de Desenvolvimento Educacional do Estado do Paraná – PDE, em convênio com a Universidade Estadual de Londrina, como requisito a promoção ao nível III do Plano de Carreira do Magistério do Estado do Paraná, Londrina,188 páginas, 2008.

PRADO JUNIOR, Caio. **História Econômica do Brasil. (O Império Escravocrata e a Aurora Burguesa)**. São Paulo: Brasiliense. 1981.

REVEL, Jacques. Micro-história, macro-história: o que as variações de escala ajudam a pensar em um mundo globalizado. **Revista Brasileira de Educação**. v. 15 n. 45 set./dez. 2010.

SOARES, Marilda Aparecida. Etnias e povos africanos na formação histórico-social do Brasil. **Para entender a história**. v. 10, p. 1-10, 2013.

* * * * * **